

---

# Luta AfroQueer: as sementes de Amílcar Cabral

## The AfroQueer Struggle: The Seeds of Amílcar Cabral

Luísa Semedo<sup>1</sup>

---

**RESUMO:** O artigo parte das metáforas poéticas que evocam o legado de Amílcar Cabral como sementes de luta e resistência, no espaço e no tempo, para explorar a continuidade da sua visão nas lutas AfroQueer contemporâneas. O texto examina como as ideias de luta interna, resistência coletiva, descolonização permanecem férteis nos contextos das opressões interseccionais enfrentadas pelas pessoas AfroQueer. As sementes plantadas por Cabral germinam ainda na desconstrução de normas patriarcais e heterocisnormativas, promovendo espaços de resistência, liberdade e justiça.

**ABSTRACT:** The article draws on poetic metaphors evoking Amílcar Cabral's legacy as seeds of struggle and resistance, in space and time, to explore the continuity of his vision in contemporary AfroQueer struggles. The text examines how ideas of internal struggle, collective resistance, and decolonization remain fertile in contexts of intersectional oppressions faced by AfroQueer individuals. The seeds planted by Cabral germinate in the deconstruction of patriarchal and heterocisnormative norms, fostering spaces of resistance, freedom, and justice.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amílcar Cabral; AfroQueer; Lutas de libertação; Descolonialidade; Interseccionalidade.

**KEYWORDS:** Amílcar Cabral; AfroQueer; Liberation Struggles; Decoloniality; Intersectionality.

---

*Meu grito de revolta ecoou pelos vales mais longínquos da Terra,  
Atravessou os mares e os oceanos,  
Transpôs os Himalaias de todo o Mundo,  
Não respeitou fronteiras  
E fez vibrar meu peito...  
(CABRAL, 1983)*

---

<sup>1</sup> Doutorada em Filosofia (Especialidade Ética e Política) pela Universidade da Sorbonne, atualmente a realizar um projeto de investigação de pós-doutoramento no CRIMIC (Sorbonne Université) intitulado "Identidades AfroQueer no mundo afro-luso-brasileiro pós-colonial: memórias e resistências", colaboradora do Queer Intersectional/Interdisciplinary Research Hub (Quir Hub) do Centro de Estudos Comparatistas da FL da Universidade de Lisboa.

---

*As flores da nossa luta  
Que tu com carinho plantaste  
Estão a desabrochar  
Em gargalhadas infantis.  
E descansa que não secarão.  
Serão sempre regadas  
Com o nosso suor e sangue,  
Serão sempre alimentadas  
Pela força na nossa vontade.  
E serão, camarada Amílcar,  
Serão livres...livres...  
(...)  
Livres, como a liberdade com que  
sonhaste (REGALLA, 1974).*

A contribuição de Amílcar Cabral para as lutas de libertação transcendeu o perímetro de Cabo Verde e da Guiné-Bissau. Ainda em vida, a sua influência estendeu-se muito para além dos países onde Cabral e a sua família nasceram<sup>2</sup>, “atravessou os mares e os oceanos” e “não respeitou fronteiras”. Após o seu assassinato em 1973, esta contribuição transformou-se num legado intemporal (LOPES, 1999; CARDINA e RODRIGUES, 2022; MANJI e FLETCHER JR., 2013), cujas sementes, por si plantadas, desabrocharam ao longo dos anos, como evoca Agnelo Regalla na poesia “Camarada Amílcar”, culminando agora na celebração do centenário do seu nascimento.

Os versos de Amílcar Cabral e de Agnelo Regalla, citados em epígrafe, capturam o espírito de revolta, resistência e esperança e ainda a força de transfiguração, de rutura civilizacional que marcaram as lutas de libertação e o movimento anticolonial internacional. Esse mesmo espírito continua a ressoar em

---

<sup>2</sup> Amílcar Cabral nasceu em 1924 em Bafatá, na Guiné-Bissau, de uma mãe guineense de origem cabo-verdiana e de um pai cabo-verdiano, e foi viver para Cabo Verde quando tinha oito anos de idade.

---

várias lutas contemporâneas contra a dominação, a opressão e a discriminação. Neste artigo, vamos analisar de que forma o legado de Amílcar Cabral influencia a luta AfroQueer não somente no continente africano e na Diáspora, mas também o seu impacto na vida das pessoas afrodescendentes. Veremos como na luta AfroQueer ecoa um projeto global de libertação cabralista que não se resume à luta contra o colonialismo enquanto luta pela independência territorial, mas que incorpora simultaneamente uma luta pela descolonização das mentes. Para Cabral, esta luta precisava de ser travada tanto na prática como na teoria (CABRAL, 1980), incluindo a luta armada, mas também um trabalho profundo nos domínios da cultura, da história, da memória e da educação. Não se limitava a enfrentar o inimigo exterior, pois tratava-se igualmente de proceder a um questionamento interno, dirigido em particular ao que Cabral denominava de neocolonialismo<sup>3</sup>. Enfrentando, paralelamente, as dinâmicas de opressão e discriminação impostas às mulheres, que viviam sob formas de exploração múltiplas, de pelo menos “dois tipos de colonialismo” (URDANG, 1979). Esta visão feminista de Cabral virá a ter, como será explicitado posteriormente, um impacto direto nas lutas contemporâneas das pessoas AfroQueer cabo-verdianas<sup>4</sup>, vistas como um modelo para todo o continente

---

<sup>3</sup> “Dominação indireta — por meio dum poder político integrado na sua maioria ou na totalidade por agentes nativos — à qual se convencionou chamar *neocolonialismo*” (CABRAL, 1980, p. 32).

<sup>4</sup> Entrevista de Cláudia Rodrigues, socióloga e ex-presidente do Instituto cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade do Género (ICIEG) e de Tchinda Andrade, ativista AfroQueer, considerada a primeira mulher trans conhecida de Cabo Verde, para a promoção do documentário “Tchindas” (2015) de Pablo García Pérez de Lara e Marc Serena. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DyO5I31mVoc&t=4s>. Publicado em: 19 jun. 2016. Acesso em: 17 dez. 2024.

---

africano<sup>5</sup>.

## 1 A luta AfroQueer como “causa da humanidade”

*Outro homem és hoje – e outro serás,  
Bem forte na luta, em prol dos Humanos.  
Na luta da vida – eu sei – vencerás,  
Num Mundo de todos, sem Mal e sem  
danos.  
(CABRAL, 1983)*

Em 2020, a *BBC World Histories Magazine* solicitou a especialistas em história, incluindo Rana Mitter, Margaret MacMillan e Gus Casely-Hayford, para que nomeassem o maior líder de todos os tempos, tendo em conta a forma como exerceu o poder e o impacto positivo que teve na humanidade, a partir das suas conquistas e do seu legado. Amílcar Cabral foi o segundo líder mais votado, devido “à admiração pelas posições que tomou, ao facto de ter dado a sua vida não apenas pela libertação e progresso da Guiné-Bissau, Cabo Verde e África, mas também pelo progresso de toda a humanidade”<sup>6</sup>. Em 1994, o próprio Nelson Mandela, no dia da sua eleição após ter sido felicitado pela cunhada de Amílcar Cabral com um “*You are the best!*”, respondeu “*No, there is Cabral!*” (CHALIAND, 2021).

Este estatuto de Amílcar Cabral, enquanto líder revolucionário e humanista, não resulta apenas de uma romantização póstuma da sua figura, é sobretudo o

---

<sup>5</sup> Comment une petite île du Cap-Vert est devenue une oasis LGTBI en Afrique. Disponível em: <https://fr.euronews.com/culture/2021/04/22/comment-une-petite-ile-du-cap-vert-est-devenue-une-oasis-lgtbi-en-afrique> . Acesso em: 17 dez. 2024.

<sup>6</sup> Who is the greatest leader in world history? Disponível em: <https://www.historyextra.com/magazine/who-greatest-leader-world-history/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

---

reflexo de uma real postura teórica, metodológica e prática que o próprio cultivou e incorporou ao longo da sua trajetória, dos seus escritos, dos seus discursos e da sua ação. Amílcar Cabral compreendeu que a luta contra o colonialismo transcendia a conquista da libertação e independência territorial e que os mesmos mecanismos de opressão e as estruturas de dominação, apesar das especificidades locais ou temáticas, transpassavam outros domínios. Não é por acaso que Cabral insiste, nos seus discursos e escritos de sua luta, que é também uma luta coletiva, em “prol dos “Humanos”, ao serviço da “causa da humanidade”, para além do seu compromisso com a Guiné-Bissau e Cabo Verde:

(...) eu jurei a mim mesmo, que tenho que dar a minha vida, toda a minha energia, toda a minha coragem, toda a capacidade que posso ter como homem, até ao dia em que morrer, ao serviço do meu povo, na Guiné e Cabo Verde. Ao serviço da **causa da humanidade**, para dar a minha contribuição, na medida do possível, para a vida do homem **se tornar melhor no mundo**. Este é que é o meu trabalho. Tenho feito o máximo para conseguir isso, não por causa de trabalhar só eu, mas porque tenho sabido encontrar homens e mulheres para trabalharem comigo (PINTO DE ANDRADE, 1973 *apud* CABRAL, 1969. Destaques nossos)<sup>7</sup>.

Estamos, portanto, diante da defesa de uma luta ampla e abrangente, alicerçada nos princípios do humanismo e na defesa dos direitos humanos universais. Neste contexto, os movimentos contemporâneos de luta feminista, antirracista ou pro-LGBTQIA+ encontram legitimamente inspiração em figuras históricas e nas suas estratégias de resistência, como as que foram desenvolvidas

---

<sup>7</sup> Intervenção de Amílcar Cabral no Seminário de Quadros do PAIGC, realizado em novembro de 1969, citada por Mário Pinto de Andrade na palestra intitulada "A geração de Cabral", que proferiu na Escola-Piloto, em 8 de fevereiro de 1973, escassos dias após o assassinato de Amílcar Cabral. Disponível em: <https://memorial2019.org/dossier/amilcar-cabral/assassinato>. Acesso em: 17 dez. 2024.

---

por Amílcar Cabral. A luta AfroQueer, enquanto exemplo contemporâneo de resistência interseccional que enfrenta simultaneamente as opressões raciais, de género e sexualidade, pode não só inspirar-se, mas também beneficiar-se profundamente com o legado estratégico, teórico e prático de Cabral.

O termo AfroQueer tem sido definido de diversas formas: segundo o autor de origem camaronesa, Fabrice Nguena, este é “composto de duas identidades interseccionais: “Afro” que designa as pessoas africanas negras ou afrodescendentes” e “Queer”, uma forma “mais inclusiva e vasta do que o acrónimo” LGBTQI+. O autor, militante e pessoa AfroQueer, cita a este propósito a definição de “Queer” da Fondation Émergence<sup>8</sup>: “termo utilizado pelas pessoas que se identificam com uma identidade de género, expressão de género ou uma orientação sexual fora da norma social e que não aderem ao binarismo” (NGUENA, 2024, p. 21). Para o escritor AfroQueer brasileiro, Pedro Ivo, “afroqueer” como “um entrelugar sempre em trânsito” consiste numa:

(...) autoidentificação híbrida de dor, luta e amor, que perpassa pela crítica aos padrões normativos impostos pela branquitude e pela cis-heterossexualidade compulsória na sociedade; padrões estes existentes inclusive dentro das comunidades lgbt+, tal qual nós negrxs de sexualidades e/ou identidades de género dissidentes e periféricas temos percebido, estudado e cotidianamente vivenciado (exatamente por isso temos total propriedade para nos posicionarmos contrárixs a sua perpetuação) (IVO, 2018).

Assim como Pedro Ivo, Fabrice Nguena enfatiza a importância da autoidentificação e da necessidade de “dizer e escrever nós mesmos quem somos” (NGUENA, 2024, p. 21). Esta preocupação, que se situa simultaneamente no plano

---

<sup>8</sup> A Fondation Émergence é um dos principais organismos LGBTQI+ do Quebec.

---

individual e coletivo, conecta-se a uma questão mais ampla enfrentada por pessoas africanas e afrodescendentes: o sentimento de terem sido despossuídas de seu lugar de sujeitos, e de serem frequentemente relegadas para a posição de objetos passivos e exóticos de estudo. No entanto, nos últimos anos, tem emergido um movimento crescente ativista, artístico e acadêmico (BOULANGER; GEHRMANN, 2024), constituído por pessoas AfroQueer que se afirmam como “sujeito do próprio discurso científico”, determinando “a sua prática com base nas suas próprias normas e critérios” (SARR, 2016, p. 12). É, portanto, a partir do meu lugar de pessoa AfroQueer, que navega entre os meios ativista, artístico e acadêmico, que me arriscarei a propor uma definição do termo, consciente dos diversos limites inerentes a este exercício.

Na sua *Nota Autobiográfica*, James Baldwin, expressou a convicção de que “todas as teorias são suspeitas”, e o mesmo pode ser aplicado às definições:

Acredito que todas as teorias são suspeitas, que os princípios mais elevados às vezes têm de ser modificados ou até pulverizados pelas exigências da vida e que, portanto, cada pessoa precisa encontrar um centro moral próprio e viver neste mundo com a esperança de que esse centro a oriente do modo correto (BALDWIN, 2020).

Cada pessoa incorpora em si múltiplas identidades, vividas de forma plural e dinâmica, por isso qualquer definição implica, inevitavelmente, o risco de exclusão, de essencialização ou de cristalização de identidades, comprometendo a sua fluidez e empobrecendo a sua complexidade. Utilizo, portanto, o termo AfroQueer com o mesmo cuidado que Michaëla Danjé, enquanto mulher trans negra, define o termo AfroTrans, na antologia por si dirigida:

---

«AfroTrans» não é de forma alguma um conceito fixo, preciso, um movimento unitário ou uma corrente, uma escola de pensamento. Não se trata da construção de uma categoria respeitável, incontornável ou normativa. É o quadro amplo, salutarmente vago, do exercício de associação de textos e realidades que nos une (DANJÉ, 2021, p. 12).

Defino, portanto, AfroQueer como uma designação ampla, complexa e evolutiva, que abrange tanto dimensões coletivas quanto individuais, relativa a pessoas queer africanas e afrodescendentes, sobretudo negras, mas não exclusivamente. Considerando a fluidez, segundo os contextos, e os fenómenos de auto-identificação e racialização, a ambivalência entre o que uma pessoa pensa e/ou afirma ser e como é vista ou considerada na sociedade onde está inserida ou até de passagem. O termo *Queer* é aqui utilizado justamente como termo aberto e evolutivo, que desafia as normas tradicionais, hegemónicas e binárias, principalmente relativas ao género e à sexualidade. A amplitude do termo *Queer* permite, apesar de não ser a solução ideal e definitiva, refletir sobre questões de género e sexualidade que não se adequam, por exemplo, a categorias ocidentais ou contemporâneas. O termo *Queer* permite ainda incluir outras categorias, como a categoria das identidades étnico-raciais híbridas, birraciais ou plurirraciais, que não se conformam com o binarismo negro/branco, como por exemplo a identidade “krioula” cabo-verdiana. A autora afro-americana bell hooks expandiu ainda mais o conceito ao definir-se como “queer-pas-gay”<sup>9</sup>, explicando numa palestra em 2014 no Eugene Lang College, The New School for Liberal Arts, que:

---

<sup>9</sup> “I came up with this (queer-pas-gay) with one of my colleagues where we were saying that all of our lives we’ve experienced ourselves as queer” (HOOKS, 2014).

---

Quanto à essência de ser queer, penso no trabalho de Tim Dean sobre o conceito de queer, não como algo relacionado com quem se tem relações sexuais — embora isso possa ser uma dimensão —, mas como algo ligado ao eu que está em desacordo com tudo à sua volta, sendo obrigado a inventar, criar, encontrar um espaço para se expressar, prosperar e viver (HOOKS, 2014).

A opção pela grafia AfroQueer, numa única palavra e com maiúsculas no Afro e no Queer, reflete a intenção de destacar a dimensão política e histórica do termo no contexto ativista, cultural e social em que as dimensões Afro e Queer estão simultaneamente presentes e interligadas. Esta escolha sublinha ainda a interconexão entre os sistemas de opressão, demonstrando que o racismo e a LGBTfobia não podem ser analisados isoladamente. Longe de se limitarem a camadas sobrepostas, estes sistemas entrelaçam-se, originando uma identidade e uma relação com o mundo, assim como com dinâmicas de opressão profundamente híbridas. A palavra única AfroQueer enfatiza, assim, a inseparabilidade dessas dimensões, enquanto as maiúsculas refletem um compromisso entre a unidade e o reconhecimento das especificidades de cada uma delas.

## 2 “E Cabral? não se sabe bem o que ele é”

Amílcar Cabral, apesar de não ter tratado diretamente a questão AfroQueer, escreveu sobre as questões de sexualidade, nomeadamente sobre a poligamia, e questionou-se várias vezes sobre questões de identidade, inclusive a sua própria. Adotou, por exemplo, como pseudónimo o nome Abel Djassi, não só por questões de segurança, mas também de forma simbólica para, como explica Marcela

---

Magalhães de Paula, “(...) afastar sua identidade individual em prol da coletividade da luta, esvaziando o protagonismo pessoal para reforçar a natureza coletiva da revolução”, desejando integrar-se “(...) profundamente aos combatentes, não como um líder distante ou um teórico isolado, mas como um igual — alguém que, tal como os camponeses e guerrilheiros ao seu lado, empunhava não apenas armas, mas o sonho coletivo da libertação” (PAULA, 2024).

Devido à importância da unidade na luta contra a potência colonizadora, Amílcar Cabral, sem negar a diversidade, defendeu, para fins políticos, a união para além da cor ou da origem étnico-racial, lutando, segundo o contexto, por identidades nacionais, bi-nacionais, continentais, pan-africanas e universais. Cabral teve de gerir a sua própria identidade híbrida de filiação cabo-verdiana, nascido na Guiné-Bissau, oficialmente de nacionalidade portuguesa. “E Cabral? não se sabe bem o que ele é”, ironiza no seu discurso *Saudação do Seminário de Quadros do PAIGC* em 1969, onde critica de forma veemente o racismo, ou o que hoje poderíamos chamar de colorismo:

Há gente neste Partido (...) que para eles a luta para a libertação é ter medo de outras pessoas. Por exemplo: nas nossas terras em geral, os que são mais claros um bocadinho, os mulatos, mestiços em geral, tiveram mais possibilidades de ter educação, dadas as condições da nossa terra. Houve um ou outro por exemplo, que a sua preocupação era deixar essa gente para trás, pô-la de lado. Nós disse-mos-lhes claramente, que no nosso Partido não há racismo. Aqui, filho do nosso povo é quem o serve bem, nem que seja branco, como o Zeca por exemplo. Não admitimos aqui nenhuma porcaria de escolher cor, porque isso é oportunismo da pior espécie. Quem quer só de preto, preto — que vá fazer o seu. Quem quer só de mulato, que vá fazer o seu. Nós não fazemos isso, porque isso não é o interesse do nosso povo. Nós não estamos a servir a nossa barriga, é o nosso povo que queremos servir (CABRAL, 1969).

---

No decorrer do seu discurso, Cabral destaca ainda de forma explícita a necessidade de superar os desafios impostos pela diversidade étnica e cultural, acusando-os de “oportunistas” e de favorecer a estratégia e os interesses das forças colonizadoras e imperialistas, dividindo o povo para que o colonizador melhor possa reinar:

Mas havia também aqueles que diziam: o melhor é juntarmos só os manjacos, só os pepéis, só os mandingas (...). E Cabral? Não se sabe bem o que ele é. Mas se nós fazemos uma exceção com ele, não é mau. Não, camaradas, nós dissemos claro: aqui não há nem manjaco, nem pepel, nem mandinga, nem balanta, nem fula (...). Aqui o que há é filhos de um povo, Guiné e Cabo Verde, que querem servir. Servir o quê? O nosso Partido. Quem servir o nosso Partido, é o nosso povo que está a servir (...). Na política — na luta do nosso povo, não há “raça” nenhuma. Não queremos isso. E quem quer racismo ou tribalismo que vá juntar-se com os oportunistas (...). Porque qualquer um que aceite o racismo ou tribalismo na nossa terra está a destruir o nosso povo, está a fazer o que os imperialistas e colonialistas querem contra o nosso povo. Recusamos o oportunismo, recusamos os oportunistas (CABRAL, 1969).

De forma semelhante, esta preocupação com a união manifesta-se na luta AfroQueer. Por um lado, é essencial preservar como essência das identidades AfroQueer um respeito e uma abertura inegociável à diversidade e fluidez, inclusive ao nível individual. Por outro, torna-se igualmente crucial, por razões políticas, culturais, históricas e memoriais, encontrar uma fórmula de união que reforce essas reivindicações coletivas. A invisibilização, a discriminação, a opressão e a violência dirigidas às pessoas AfroQueer são frequentemente estruturais, atingindo-as sem exceção, embora em graus diversos, dependendo dos contextos. As pessoas AfroQueer enfrentam a interseção entre o racismo e a LGBTfobia, encontrando, inclusive, nos próprios meios que se apresentam como progressistas, manifestações de racismo em espaços LGBT ou de LGBTfobia em espaços *afro* ou antirracistas.

---

### 3 África heterossexual: a “negação do processo histórico do povo dominado”

Atualmente, assiste-se a uma tendência preocupante em vários países africanos: o aumento da repressão e da violência contra pessoas LGBTI+<sup>10</sup>, sustentado por uma retórica que retrata África como intrinsecamente heterossexual e associa identidades e práticas LGBTI+ a uma suposta importação ocidental. Essa narrativa ignora não apenas a existência histórica de diversas formas de sexualidade e género na África pré-colonial, mas também distorce o papel desempenhado pela colonização. Na verdade, foram frequentemente os sistemas coloniais e a imposição do cristianismo que introduziram normas heterossexuais rígidas, apagando práticas africanas que escapavam à heteronormatividade ocidental (MURRAY e ROSCOE, 2001; MOTT, 2005; EPPRECHT, 2008).

Amílcar Cabral poderia descrever este processo de apagamento e distorção da história como uma “negação do processo histórico do povo dominado” (CABRAL, 1980, p. 33), que ele identificava como uma característica fundamental da dominação imperialista. No entanto, essa negação, outrora imposta por potências coloniais, é hoje perpetuada pelos próprios poderes africanos. Cabral distinguia entre o colonialismo clássico e o neocolonialismo, caracterizando este último como uma forma de dominação indireta, exercida através de um poder político composto

---

<sup>10</sup> Afrique. Un barrage de lois discriminatoires attise la haine à l'égard des personnes LGBTI. Disponível em: <https://www.amnesty.org/fr/latest/news/2024/01/africa-barrage-of-discriminatory-laws-stoking-hate-against-lgbti-persons>. Acesso em: 17 dez. 2024.

---

maioritariamente, ou mesmo exclusivamente, por agentes nativos (CABRAL, 1980, p. 32). Assim, no contexto da LGBTfobia e do branqueamento ou negação histórica levada a cabo pelos poderes africanos atuais, pode-se compreender esse fenómeno como uma expressão contemporânea de neocolonialismo.

No entanto, além do neocolonialismo, persiste também o colonialismo clássico, que Cabral definia como a “dominação direta — por meio de um poder político integrado por agentes estrangeiros ao povo dominado” (CABRAL, 1980, p. 32). No contexto AfroQueer, isso é evidente na influência, denunciada pelas associações LGBTI+, das igrejas evangélicas ultraconservadoras de inspiração norte-americana, que exercem grande impacto em determinados países africanos e alcançam também sucesso significativo na diáspora e entre afrodescendentes, ou ainda na crescente influência no continente africano de países como a Rússia, que têm vindo a reforçar no próprio país leis anti-LGBTI+. É necessário, portanto, ainda um esforço essencial de descolonização, tanto no que diz respeito ao colonialismo clássico quanto ao neocolonialismo, inspirando-se no pensamento de Cabral, quando este defendia que: “(...) no plano político, por mais bela e atraente que seja a realidade dos outros, só poderemos transformar verdadeiramente a nossa própria realidade com base no seu conhecimento concreto e nos nossos esforços e sacrifícios próprios” (CABRAL, 1980, p. 25). Embora a luta contra a LGBTfobia possa ser realizada em conjunto, dado que o inimigo pode ser o mesmo, é crucial não ocultar e reconhecer as especificidades de cada contexto. Ignorar essas particularidades enfraquece a luta, como já alertava Cabral ao referir-se às lutas de libertação em diferentes partes do mundo:

(...) por maior que seja a similitude dos casos em presença e a identificação dos nossos inimigos, infelizmente ou felizmente, a

---

libertação nacional e a revolução social não são mercadorias de exportação. São (e sê-lo-ão cada dia mais) um produto de elaboração local — nacional — mais ou menos influenciável pela ação dos fatores exteriores (favoráveis e desfavoráveis), mas determinado e condicionado essencialmente pela realidade histórica de cada povo, e apenas assegurado pela vitória ou a resolução adequada das contradições internas de várias ordens que caracterizam essa realidade (CABRAL, 1980, p. 25).

Na luta AfroQueer, é fundamental reconhecer que, embora ela se insira num combate mais amplo, internacionalista (para emprestar um vocabulário cabralista), contra a LGBTfobia, esta possui uma especificidade própria. Esta particularidade não é apenas histórica, marcada profundamente pelo impacto do colonialismo e do imperialismo, mas resulta também de uma trajetória singular, que abrange períodos pré-coloniais e pós-coloniais, com dinâmicas e narrativas próprias (EKINE; ABBAS, 2013). Continuando a convocar Cabral<sup>11</sup>: “a libertação nacional dum povo é a reconquista da personalidade histórica desse povo, é o seu regresso à história, pela destruição da dominação imperialista a que esteve sujeito” (CABRAL, 1980, p. 33).

## 4 Cabral interseccional

A luta AfroQueer comporta uma outra especificidade que é a sua natureza interseccional, situada na confluência de múltiplas opressões, como o racismo, a LGBTfobia e o sexismo. Nesse sentido, a transfobia e a homofobia dirigida contra homens gays ou bissexuais estão, por exemplo, profundamente enraizadas numa

---

<sup>11</sup> Cabral detalhou de forma mais aprofundada a relação com a história, a descolonização das mentes e a reafricanização na conferência que deu na Universidade de Syracuse, nos Estados Unidos, em 20 de fevereiro de 1970, publicado sob o título “A cultura nacional” em *Amílcar Cabral - A Arma da Teoria*, Carlos Comitini, Rio de Janeiro, Editora Codecri, 1980.

---

conceção rígida da masculinidade, na qual qualquer associação à feminilidade é percebida como algo de negativo ou degradante, incompatível com a ideia do que é um "verdadeiro homem".

O feminismo de Cabral é amplamente reconhecido como uma das suas características mais progressistas (URDANG, 1979, 2013; GOMES, 2013). Com efeito, em contextos onde, ainda hoje, como em Portugal ou França, persiste uma forte resistência em abandonar o masculino como forma neutra, destaca-se a insistência nos seus discursos e escritos, no recurso à formulação inclusiva “homens e mulheres”. Cabral abordou questões de género com frequência, valorizando o papel da mulher e denunciando o machismo, inclusive entre os seus próprios camaradas, e enfatizando a importância de enfrentar não apenas os perigos externos, mas também os problemas internos:

Outra coisa de que temos pena é de que a presença das nossas camaradas mulheres seja tão fraca neste seminário. (...) Os nossos dirigentes, nalgumas áreas, não se lembraram de tomar a iniciativa de incluir algumas camaradas mulheres (...). De qualquer maneira, é bastante pouco para representar (...) aquele papel de tão grande importância que as mulheres da nossa terra, sobretudo aquelas mais novas, militantes do nosso Partido, quadros ou trabalhadoras do Partido, têm desempenhado e desempenharão, para o desenvolvimento da nossa luta e a vitória do nosso Partido (CABRAL, 1969).

(...) a mulher participa no mais amplo processo de libertação da sociedade (...). a nossa revolução nunca será vitoriosa se não conseguirmos a plena participação das mulheres (CABRAL, 1972).

Citada por Marcela Magalhães de Paula, a socióloga cabo-verdiana, Crispina Gomes, destaca que Amílcar Cabral defendia não apenas a participação das mulheres na luta armada, mas também a sua inclusão activa nas instâncias de poder local, particularmente nas tabancas das zonas libertadas da Guiné-Bissau. Nessas

---

comunidades, as mulheres assumiam posições em conselhos de administração e outras estruturas de liderança, beneficiando da implementação de cotas que asseguravam que, entre cada cinco líderes, pelo menos duas fossem mulheres. Para Cabral, essa medida era fundamental para garantir às mulheres uma voz activa na gestão da vida comunitária. Adicionalmente, Gomes sublinha a prioridade dada por Cabral à educação e à conscientização política das mulheres. Ele considerava essencial que, para além da sua contribuição directa no campo de batalha, as mulheres compreendessem o seu papel transformador no processo de mudança social. A formação política era vista como uma ferramenta indispensável para capacitá-las enquanto líderes, assegurando o sucesso da revolução e promovendo a edificação de uma sociedade pós-colonial mais justa, equitativa e inclusiva (PAULA, 2024). A preocupação de Cabral transcendia, assim, o âmbito do funcionamento do seu partido ou da luta pela libertação, configurando-se não apenas como uma estratégia política, mas como uma genuína reflexão civilizacional sobre as relações humanas, a igualdade e, em particular, as questões de género. Amílcar Cabral reconhecia que a lógica de dominação seguia a mesma mecânica em diferentes contextos, razão pela qual repetia a frase testemunhada e transcrita pela jornalista Stephanie Urdang: "Na Guiné-Bissau, dizemos que estamos a lutar contra dois colonialismos: o dos portugueses e o dos homens" (URDANG, 1979, 2013). Embora o termo *interseccional* ainda não fosse amplamente reconhecido ou utilizado no contexto teórico da época, Cabral já recorria a essa abordagem para analisar as relações de poder, antecipando mais uma vez conceitos que seriam formalizados e popularizados posteriormente. Ele reconhecia que o colonialismo não se limitava a uma ocupação física, territorial, mas constituía um processo de dominação que permeava todas as esferas da vida: económica, social, cultural e psicológica.

---

Em conversa gravada para a promoção do documentário “Tchindas”, entre Tchinda Andrade e a socióloga Cláudia Rodrigues<sup>12</sup>, esta sublinha a relação estreita entre LGBTfobia e sexismo, e evidencia o contributo de Amílcar Cabral e do seu feminismo para a relativa boa aceitação das pessoas AfroQueer em Cabo Verde e nomeadamente de mulheres trans como Tchinda Andrade<sup>13</sup>. Esta relativa aceitação em Cabo Verde leva a que o país seja por vezes descrito como um oásis no continente africano, como um modelo para os outros países e como fonte de esperança para as pessoas AfroQueer<sup>14</sup>.

\*

A luta AfroQueer pode ser vista como uma das muitas sementes plantadas por Amílcar Cabral que continuam a germinar e a “desabrochar” em novas frentes e contextos, mantendo vivo o seu legado. Estas sementes, regadas pelo sangue e sonhos de gerações que se inspiraram na sua visão, representam mais do que a libertação territorial ou política. Elas simbolizam um projeto contínuo de emancipação humana, que desafia as estruturas de opressão e promove a criação de um futuro mais justo e inclusivo, que participa na desconstrução das normas impostas pelas estruturas coloniais e neocoloniais e contribui para a reconstrução de paradigmas baseados na dignidade humana e na igualdade. Cabral estaria, provavelmente, de acordo com a célebre frase de Audre Lorde quando esta afirmava

---

<sup>12</sup> RODRIGUES, Cláudia. *A Homoafectividade e as relações de género na Cidade da Praia*. Dissertação de Mestrado, Cabo Verde: UniCV, 2009.

<sup>13</sup> Entrevista de Cláudia Rodrigues, socióloga e ex-presidente do Instituto cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade do Género (ICIEG) e de Tchinda Andrade, ativista AfroQueer, considerada a primeira mulher trans conhecida de Cabo Verde, para a promoção do documentário “Tchindas” (2015) de Pablo García Pérez de Lara e Marc Serena. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DyO5I31mVoc&t=4s>. Acesso em: 17 dez. 2024.

<sup>14</sup> Comment une petite île du Cap-Vert est devenue une oasis LGBTI en Afrique. Disponível em: <https://fr.euronews.com/culture/2021/04/22/comment-une-petite-ile-du-cap-vert-est-devenue-une-oasis-lgtbi-en-afrique>. Acesso em: 17 dez. 2024.

---

que não podemos ser livres “enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela forem diferentes das minhas”<sup>15</sup>, ou ainda à sua maneira, com o slogan feminista “o pessoal é político” quando, por exemplo, no seu poema “No fundo de mim mesmo” escreve:

No fundo de mim mesmo  
eu sinto qualquer coisa que fere minha carne,  
que me dilacera e tortura ...  
... qualquer coisa estranha (talvez seja ilusão),  
qualquer coisa estranha que eu tenho não sei onde  
que faz sangrar meu corpo,  
que faz sangrar também  
a Humanidade inteira!  
(...)  
este sangue não sangue, que escorre do meu corpo,  
este sangue invisível – que é talvez a Vida!  
(CABRAL, 1983)

O legado cabralista, com a sua visão interseccional e humanista, permanece uma fonte de inspiração para quem enfrenta e luta contra as múltiplas formas de opressão que ainda persistem. Assim, as sementes de Cabral não se limitaram à luta contra o colonialismo, elas carregam em si a promessa de uma transformação civilizacional profunda, em que o racismo, a LGBTfobia, o sexismo e outras formas de opressão são confrontados de forma interconectada e simultânea. Estas sementes, que Cabral transmitiu para as gerações futuras, continuam a progredir, lembrando-nos de que a luta pela liberdade, igualdade e justiça é um processo contínuo, alimentado pelo compromisso, pela resistência e pela esperança de um

---

<sup>15</sup> Audre Lorde, “The Uses of Anger: Women Responding to Racism”, presentation at the *National Women’s Studies Association Conference, Storrs, Connecticut*, June 1981.

---

mundo verdadeiramente livre em que a construção da unidade e o respeito pela pluralidade coexistem de forma harmoniosa e duradora.

## Referências

BALDWIN, James. *Notas de um filho nativo*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

BOULANGER, Dorothée ; GEHRMANN, Susanne (org.). *Art et activismes afroqueers: Littératures, images, performances*. Paris: Éditions Karthala, 2024.

CABRAL, Amílcar. *PAIGC - Saudação do camarada Amílcar Cabral*, Discurso proferido a 19 de novembro de 1969 no Seminário de Quadros do PAIGC, 19 a 24 de novembro de 1969. Disponível em: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04340.001.001>. Acesso em: 17 dez. 2024.

CABRAL, Amílcar. *PAIGC, Rapport sur le role politique-social et économique de la femme en guinée et aux îles du cap vert*. Conacry, 1972, Fundação Amícar Cabral, Praia (Cabo Verde).

CABRAL, Amílcar. Discurso para a primeira Conferência Tricontinental dos Povos da Ásia, África e América Latina, de janeiro de 1966, Havana, Cuba. In: COMITINI, Carlos (org.). *Amílcar Cabral - A Arma da Teoria*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1980.

CABRAL, Amílcar. *Emergência da poesia em Amílcar Cabral (30 poemas)*, [recolhidos e organizados por Oswaldo Osório]. Coleção Dragoeiro. Praia: Edição Grafedito, 1983.

CARDINA, Miguel; RODRIGUES, Inês N. *Remembering the Liberation Struggles in Cape Verde. A mnemohistory*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2022.

CHALIAND, Gérard. Amilcar Cabral: la révolution en pensée et en action. *Conflits - Revue de Géopolitique*, 23 mars 2021. Disponível em: <https://www.revueconflits.com/cabral-amilcar-mandela-gerard-chaliand/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

DANJÉ, Michaëla (ed.). *AfroTrans - Perspectives. Entretiens. Poésie*. Paris: Éditions Cases Rebelles, 2021.

---

EKINE, Sokari; ABBAS, Hakima (eds.). *Queer African Reader*. Nairobi: Pambazuka Press, 2013.

EPPRECHT, Marc. *Heterosexual Africa? The History of an Idea from the Age of Exploration to the Age of Aids*. Athens: Ohio University Press, 2008.

GOMES, Patrícia Godinho. From Theory to Practice – Amílcar Cabral and Guinean Women in the Fight for Emancipation. In.: MANJI, Firoze; FLETCHER JR., Bill (org.). *Claim No Easy Victories: the Legacy of Amílcar Cabral*. Dakar: CODESRIA and DARAJA Press, 2013, p. 279-294.

HOOKS, bell. *Are You Still a Slave? Liberating the Black Female Body*. Palestra no Eugene Lang College, The New School for Liberal Arts, 6 de maio de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rjk0hNROvzs>. Acesso em: 17 dez. 2024.

IVO, Pedro. *AfroQueer - Experiência: Dor, Luta, Amor*. Brasília: Padê Editorial, 2018.  
LOPES, Carlos (org.). *Desafios contemporâneos da África. O legado de Amílcar Cabral*. São Paulo: UNESP, 1999.

MANJI, Firoze; FLETCHER JR., Bill (orgs.). *Claim No Easy Victories: the Legacy of Amílcar Cabral*. Dakar: CODESRIA and DARAJA Press, 2013.

MOTT, Luiz. Raízes históricas da homossexualidade no Atlântico lusófono negro. *Afro-Ásia*, Salvador, n.33, 2005.

MURRAY, Stephan O.; ROSCOE, Will (eds.). *Boy-Wives and Female-Husbands: Studies in African Homosexualities*. Albany: State University of New York Press, 2001.

NGUENA, Fabrice. *AfroQueer – 25 Voix Engagées*. Montréal: Éditions Écosociété, 2024.

PAULA, Marcela Magalhães de. Um dos maiores revolucionários anticoloniais do mundo. *Revista Jacobin*, 12 de setembro de 2024. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2024/09/um-dos-maiores-lideres-revolucionarios-anticoloniais-do-mundo/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

PINTO DE ANDRADE, Mário. Assassinato. *Dossier Amílcar Cabral*. Disponível em: <https://memorial2019.org/dossier/amilcar-cabral/assassinato>. Acesso em: 17 dez. 2024.

REGALLA, Agnelo. “Camarada Amílcar”, Conakri, janeiro de 1974. In: *Antologia Poética da Guiné-Bissau*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1990, p. 121-122.

---

RODRIGUES, Cláudia. *A Homoafectividade e as relações de género na Cidade da Praia*. Dissertação de Mestrado, Cabo Verde: UniCV, 2009.

SARR, Felwine. *Afrotopia*. Paris : Philippe Rey, 2016.

URDANG, Stephanie. *Fighting Two Colonialisms: Women in Guinea-Bissau*. New York: Monthly Review Press, 1979.

URDANG, Stephanie. But We Have to Fight Twice – Reflections on the Contribution of Amílcar Cabral to the Liberation of Women. In: MANJI, Firoze; FLETCHER JR., Bill (orgs.). *Claim No Easy Victories: the Legacy of Amílcar Cabral*. Dakar: CODESRIA and DARAJA Press, 2013, p. 273-278.

Recebido em 16/12/2024

Aceito em 16/12/2024